



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FEMININO, ANIMALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA: AS MANIFESTAÇÕES DO INSÓLITO N'O *REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO MÃE

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Universidade Estadual da Paraíba / PPGLI

Resumo: O presente estudo tem por finalidade analisar as concepções de animalização e violência femininas, bem como as manifestações do insólito na obra *O remorso de Baltazar Serapião* (2010), de Valter Hugo Mãe. Para a pesquisa, foi necessário inventariar os traços que marcam essas questões selecionadas e a partir da análise literária e das teorias sobre o homem e o animal (Agamben - 2013), devir-animal (Deleuze e Guatarri - 1997) e insólito ficcional (Flávio Garcia - 2012) compor um olhar sobre o feminino na Idade Média, mas não somente, dado que se faz imperativo a ligação com os modos de viver da atualidade.

Palavras-chave: animalização na literatura, feminino e violência, o remorso de baltazar serapião, literatura portuguesa contemporânea, insólito ficcional.

1 Introdução

O remorso de Baltazar Serapião é o segundo livro da quadrilogia das idades¹(e das minúsculas)², de Valter Hugo Mãe. Ele foi publicado no Brasil em 2010 pela Editora 34, livro este vencedor do Prêmio Literário José Saramago em 2007. Valter Hugo Mãe (doravante VHM) é poeta, romancista, cantor e artista plástico, e todas estas artes constituem seu universo ficcional. Nascido em 1971 na Angola, é um retornado português que ainda bebê vive o fim da ditadura portuguesa e descolonização africana e se reintegra junto com sua família ao “novo” Portugal.

Foi elogiado pelo próprio Saramago que ao ler este romance disse ter “a impressão de assistir a um novo parto da língua portuguesa”, isso devido ao fato de VHM criar uma nova

¹ Os outros livros da quadrilogia são: 1º *o nosso reino* (2008), 3º *apocalipse dos trabalhadores* (2013) e 4º *a máquina de fazer espanhóis* (2011), em anos de respectivas primeiras edições no Brasil.

² Como uma espécie de projeto literário inicial o autor escreveu sua quadrilogia em letras minúsculas, que para além de um simples fetiche acaba trazendo para o interior da obra a democracia entre as palavras e a liberdade para o leitor marcar o ritmo e entonações das obras. A partir de *O filho de mil homens* (2011) o autor retorna com as maiúsculas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

linguagem em que se aproxima à sintaxe medieval de sabor arcaico da oralidade, atestando um deslimite na linguagem em que se expande ao de fora do conteúdo e da forma.

O livro é sobre uma família camponesa dominada por um senhor feudal que é conhecida pelos outros moradores das terras pelo nome de sua vaca (os Sargás). O foco e o narrador-personagem deste enredo é o do título, Baltazar Serapião é o filho primogênito desta família e, ao se casar com Ermesinda e vê-la indo com constância à casa do dono das terras (D. Afonso de Castro) o ciúme, a violência e a repressão se fortifica na relação do casal centro da história. De modo metucioso VHM faz o leitor percorrer o jogo existente entre o amor como posse e a condição de poder a que todos estavam submetidos naquela época.

A partir da interligação entre história e literatura que se dá como resultado neste escrito de VHM podemos dizer que o livro compõe uma metaficção historiográfica (uma das formas do gênero romance) em que teorizada por Hutcheon (1991) nos mostra uma estratégia de composição perpassada pela auto-reflexão atrelada à um contexto histórico-político, e há também a presença da ironia no momento de fabricação do passado pelo autor e uma relação com o discurso minoritário (neste caso os camponeses medievais).

E “não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade” (HUTCHEON, 1991, p. 20), desta maneira VHM se distancia intencionalmente da crítica à violência contra as mulheres devido a ironia ao criar um narrador-personagem machista que destila ao longo de suas falas uma brutalidade e uma certeza sobre a inferioridade da mulher. Estas que são silenciadas e subtraídas das páginas em que prevalece o juízo dos homens sobre elas, ao passo de que reside nesse silêncio um grito crucial e histórico em prol dos direitos não gerados para as mulheres.

No primeiro ponto, discute-se a animalização para além da figura de linguagem, contudo como uma conexão das mulheres com os animais, uma forma crítica de se discutir suas posições. VHM para isto utiliza uma linguagem mista (erudito, popular e chulo) em que comparações e analogias violentas figuram as agressões psicológicas e físicas em torno do feminino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Por fim, no segundo ponto foram analisadas algumas manifestações do insólito na obra que ao se interligarem aos dois temas discutidos no ponto anterior perfazem metáforas que sustentam o objetivo do autor em elaborar um mundo ficcional em que as mulheres no medievo sofrem sob os múltiplos poderes e grotescamente são violentadas, fabricadas, educadas para os homens.

O grande tema de toda obra de VHM reside nos limites existentes entre desumanização e humanização. No caso de *O remorso de Baltazar Serapião*, fica claro a luta pela humanização da família Serapião que são na verdade os Sargas, os que vem da vaca. Fator preponderante para a desumanização dos seres humanos na obra é a reprodução da estrutura feudal perversa dentro dos lares e de todas micro estruturas da vida sendo também o que estabelece o controle dos corpos e das mentes na narrativa.

2 A animalização e violência femininas

A animalização (ou zoomorfismo) aqui se conecta à violência, uma resulta da outra sem se definir qual conceito vem em primeira instância, se é a animalização que parte da violência ou vice-versa. A separação (especialmente em nome da civilização) feita entre homens seres sensíveis, sábios e animais seres puramente instintivos deslocou para os animais a bestialidade advinda da natureza dos instintos e colocou para os seres humanos limites que demarcam um território higienizado de qualquer tipo de insensatez e crueldade, para isso códigos morais e preceitos éticos imperam em nome de uma constituição artificial do humano.

Com o tempo a aproximação foi refeita, e o animal foi recolocado para dentro do homem como fazendo parte da composição que lhe é de essência, a concepção de vida nua agambeniana se encaixa aqui, ao mencionar o aspecto de sobrevivência que reside nas ações do ser humano, por exemplo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao se passar no período medieval, tal história configura um modo de vida em que as pessoas são tratadas como animais domesticados, contexto este onde o senhor das terras reina sobre seus servos e estes reinam sobre suas mulheres, uma luta por poder sobre os corpos, vontades e esperanças. Como podemos ler em: “e nós adormecemos também, espantados com a obediência ao meu pai, discernido superiormente sobre todas as coisas da nossa vida” (MÃE, 2010, p. 15), a força sobre força, vontade de poder em todos os homens até esbarrar na passividade feminina.

Assim sendo, é em torno de seis personagens femininas que se focará este estudo, são elas: Ermesinda, Teresa Diaba, mãe, Brunilde, Gertrudes e D. Catarina. Como elas são referenciadas e tratadas na obra acarreta na forma como animalização e a violência presentes no enredo, na maneira como vão emergindo e se desenhando.

O livro inicia assim: “a voz das mulheres estava sob a terra, vinha de caldeiras fundas onde só diabo e gente a arder tinham destino. a voz das mulheres, perigosa e burra, estava abaixo de mugido e atitude da nossa vaca, a sarga, como lhe chamávamos” (2010, p. 11), ficando clara a posição da mulher, em que sua voz fica abaixo do mugido da vaca da família, além disso, a voz que carrega as mulheres é colocada no singular marcando a generalidade e certeza de que a coletividade feminina possui mulheres burras e perigosas.

Deixo de fora aqui estudos dos medievalistas Georges Duby e Jacques Le Goff pela necessidade de se entender essas múltiplas relações como atemporais, ao passo que será a partir da materialidade literária que nossas indagações serão respondidas à luz dos dias atuais. Pois, com a dificuldade em situar a época exata os anacronismos impertinentes podem surgir na análise, uma vez que são dez séculos que integram o que compreendemos por Idade Média.

Por exemplo, o amor cortês, evento puramente literário existia na época escolhida por VHM? Se sim, residiria aí mais um aspecto irônico da obra? O que se sabe é que a igreja durante todo esse período predominou sobre as mentalidades populares e as mulheres eram esposas, mães e filhas que deveriam cumprir seus deveres de procriação e temor à deus.

Então, para simplificar, é na animalização atrelada à violência das mulheres medievais que o trabalho crítico do artigo se centrará, embora que ao final se encontre uma semelhança



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

com as condições das mulheres contemporâneas. A vaca (a Sarga), personagem para onde todas as ações da obra culminam, é humanizada; por outro lado, as mulheres ou os camponeses são animalizados/desumanizados, as primeiras no intuito de propor uma mudança nos modos de violência e encarceragem do corpo feminino, os segundos de propor uma crítica ao poder instalado na relação entre senhor feudal e camponeses.

O que ocorre na animalização da família Serapião é um certo modo autodestruição e poder último sobre seus corpos e ações, mesmo que trágicas e destruidoras. Como bem coloca o filósofo italiano Agamben, é o “assumir a sua própria fisiologia como último mandato impolítico” (2013, p. 126), ou seja, é com o colocar-se como animais ou por outro lado não aceitar essa condição que a violência e destruição dessa família a liberta e a salva.

Percorrer o olhar sobre as mulheres da narrativa faz surgir o conhecimento sobre o humano e sua relação com a vontade de potência. Primeiramente, centrar na personagem Teresa Diaba é notar que ela, uma mulher duplamente marginalizada, por sua condição feminina e por ser prostituta, ela que “era só bicho e instinto, como coisa que veio do mato para se amigar da vida das pessoas” (MÃE, 2010, p. 57), Teresa é uma escrava sexual no povoado que introduz os rapazes à vida sexual, a todo instante ela aparece como lê-se nos dois trechos abaixo:

a teresa diaba era quem vinha muito por mim. parecia uma cadela no cio, farejando aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse. [...] estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos, calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar uma mulher (MÃE, 2010, p. 27-28)

a diferença entre ela e uma vaca ou uma cabra era pouca, até gemia de estranha forma, como lancinante e animalesca sinalização vocal do que sentia, destituída de humanidade, com trejeitos de bicho desconhecido ou improvável. e era como lhe vinha naquele fim de tarde, posta sob mim a bater a cabeça no chão para se verter de submissão aos meus grilhões (MÃE, 2010, p. 36)

E sua aparência animalesca vai se configurando: “olha, minha porca, és tão porca de tudo que nem de bato nem te mato, ficas aí despedaçada para vergonha do teu pecado, hás de morrer de bichos que te comam viva para pagares o nojo que metes a deus” (2010, p. 51),



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ocupando a Teresa estranhamente duas posições a de não ser governada por ninguém e ao mesmo tempo por todos, uma vez que é componente do prazer sexual dos camponeses de D. Afonso, porém não é casada e pertence a um só dono.

São cadelas, vacas, porcas, cabras e cobras, estes são os cinco animais que as comparações e aproximações com as mulheres se dão. Nem D. Catarina escapa, embora ocupe outra posição social de privilégio: “era uma mulher gorda, grande de mamas decaídas, jeitos de porca aberta de pernas e membros como convidando à entrada” (MÃE, 2010, p. 172), diz Baltazar, portanto, a animalização das mulheres se dá pelo fato da necessidade de se domesticá-las como aos animais, para lhes diminuïrem as condições de humano e fortificar sua passividade e fraqueza para decidir qualquer coisa que seja.

A mulher é na obra um artefato voltado para servir as necessidades e fantasias do esposo, controlada e castrada pelo seu senhor-marido, como podemos ler em: “eu teria espírito para proteger a minha mulher e lhe pôr freios. ela haveria de sentir por mim amor, como às mulheres era competido, e viveria nessa ilusão, enganada na cabeça para me garantir a propriedade do corpo” (MÃE, 2010, p. 23), havendo então a perda da identidade (e vontade), uma vez que a mulher é mera extensão do esposo dominador.

Como o ser humano ver o animal como aquele que precisa ser domesticado, controlado para servir exclusivamente às suas necessidades, e também sua existência está atrelada ao fato do suprir-nos de algo sempre, a vontade dele é a minha, pois sou eu que decido sobre seu destino. Deste modo, são colocadas as mulheres, seus *status* é o de gerir e alicar a vida em prol do esposo e família.

Aspecto tentador nestas análises é o de ao restringirmos o humano ao orgânico do ser ou mesmo abdicá-lo, resindindo aí dois problemas, pois é preciso alinhar o aspecto fisiológico ao psicológico. Sendo assim, o olhar sobre o ser humano recorta os limites em que o torna animal social e provido de aspectos artificiais tendo em vista a vida e interrelações em comunidade.

Outra mulher, a motivadora dos amores, das violências, ataques de ciúmes e remorso do narrador-personagem, é a Ermesinda, e em meio a uma das cinco agressões violentas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Baltazar pensa: “meio cabra, meio cadela ou monstro até [...] pus-lhe braço em cima para lhe mostrar que era minha. levei-a para casa como a guardar uma preciosidade e ela brilhou por dentro” (MÃE, 2010, p. 147), ele atesta a deformidade que sua (antes bela) esposa sofre, essa deformidade é a fronteira que demarca o território do poder de Baltazar sobre Ermesinda, a tornando feia para D. Afonso ou qualquer outro que servir para traição.

Outro aspecto teórico que se interliga e complementa a ideia de animalização é a devir-animal. Primeiramente, devir é o enlace de duas sensações sem semelhança que cria uma zona de vizinhança, de indistinção, de indeterminação ou de indiscernibilidade entre elas” (MACHADO, 2010, p. 213), desta maneira, o que existe é um campo de indefinição onde as mulheres devém animais, ou seja, há uma tensão entre o mundo humano e inumano, havendo um entrelaçamento entre o homem/animal, mulher/vaca, assim não há necessariamente a transformação das personagens em animais.

O ciúme de Baltazar o leva a percorrer um caminho doloroso que vai dar no atestado de sua nadificação. A angústia de não poder domar também o seu destino e o da sua família o leva ao ápice da utilização fantástica da sua visão e linguagem. Como os limites da liberdade são rompidos e o devir-humano da vaca é um retorno à natureza sensitiva em que o afetar-se pela morte marca essa aproximação humana que borra a divisão entre o animal e o humano, mas há o movimento reverso em que o devir-animal das mulheres se dá pela imagem de seu lugar na sociedade e de como elas se portam em sua vida sexual, essa aproximação animal do humano.

Válido frisar que a animalização dos homens da família Serapião também acontece, isso devido à fama e ao fato criada da relação do pai e irmão de Baltazar com a vaca Sarga. E que mesmo se houvessem outras comparações e aproximações seriam com animais valentes para simbolizar a virilidade destes homens. O que ocorre portanto, é que “a humanização integral do animal coincide com uma animalização integral do homem” (AGAMBEN, 2013, p. 127), isto ao longo da história, onde exista relações entre homens e animais, seja como elo evolutivo mesmo ou aspecto efetivo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Isto posto, a animalização está para além de uma figura de linguagem, mas como uma conexão das mulheres com os animais como forma crítica de se discutir suas posições sociais, seu *status* e modo de sujeição. Ao modo que VHM vai explorando e experimentando o limite da linguagem a invenção do real vai construindo momentos insólitos que iluminam a fusão entre animalização e violência femininas em níveis avançados para constituição de uma nova ordem das coisas, para isso o olhar sobre o insólito que surge pela narrativa faz-se necessário, percorrer os limites de real e de fantasia presentes em Baltazar Serapião ao contar sua história para os leitores.

3 O insólito e suas manifestações no corpo da obra e da mulher

Em meio ao feudo, às queimas das bruxas, ao poder da igreja e do rei sobre os homens, um ambiente opressivo em sua essência, é que está situado nossos personagens. A sensação de estranhamento surge no leitor através dos corpos femininos, seja das mulheres, seja da vaca.

O insólito compõe a obra criticamente, pela a mentalidade e subjetividade de um homem medieval que em um misto de insanidade e desconfiança acredita que é traído pela sua esposa. O medo em Baltazar surge do seu amor possessivo e da possibilidade de perda da honra, para isto ele utilizará suas forças violentamente sobre Ermesinda, alastrando tragicamente o que ele acha que foi maldição sobre todos os Serapiões de sua casa.

Nos elementos insólitos do enredo está contida a manifestação do grotesco, do sobrenatural e do absurdo; [1] pela distorção do corpo da mulher, [2] pelas ações fora do comum, das leis naturais e [3] aspectos que vão de embate à razão. Sobre violência que leva à deformidade e ao caráter grotesco o corpo da mulher, lemos:

entrei em casa e, noite coberta, escuro e silencioso o momento, entrei dentro de ermesinda olho arrancado. como te disse, ermesinda, prometido de coração é devido. ficarás a ver por sorte ainda, ficarás a ver melhor do que te devia deixar, mas deixo-te o outro para vez que me pareça. ou por piedade, deixo-to por piedade, e a este deito-o à terra e cubro-o para ser comido. não te



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

preocupes agora, se dormires de mão aí tapada acordarás ainda e ainda também quando eu for e voltar (MÃE, 2010, p. 108)

Após essa descrição da quarta agressão física, Ermesinda que já estava com um pé torno e um braço estropeado tem o seu olho arrancado o leitor se depara com a desfiguração da mulher de Baltazar, esta que se assemelhava a sua mãe, que sofreu os mesmos violentos tratos do seu pai. Há uma intenção além da violência em si, é a de através da deformação física o apagamento dos traços de humanidade das mulheres, tornar os homens por excelência os senhores da existência das mulheres.

Está nas marcas dos corpos a concepção de feminino de uma época. E neste caso precisamente, VHM cria uma zona limítrofe com o estranho, essa produção de estranhamento no ato de leitura que caracteriza o insólito ficcional, pois ele “desperta no leitor o sentimento do *inverossímil*, *incômodo*, *infame*, *incongruente*, *impossível*, *infinito*, *incorrigível*, *inaudito*, *inusitado*, *informal*” (GARCÍA *apud* COVIZZI, p. 21), todos esses sentimentos anteriores configuram uma categoria ficcional ampla, e as estratégias de VHM se dão a partir dela, do insólito.

São duas as áreas a serem exploradas; animalização e o insólito que ela aponta, e também o insólito presente na violência contra a mulher. Os trechos seguintes explicitam bem como se dá esse aparecimento e entrecruzamento nas linhas do texto dessa ligação entre as temáticas e o insólito. Temos o Aldegundes, irmão de Baltazar, realizando ato sexual com a vaca da família, a Sarga e também uma alusão à Teresa Diaba de maneira pejorativa que serve para conhecermos o seu lugar social no povoado:

depois, voltei a casa e pior dia se tornou ao perceber o aldegundes em loucura apressada [...] coitado do meu pobre e burro irmão, nem a diaba lhe teria ocorrido, tão novo de corpo e inteligência era assim ridículo a pôr-se na vaca. jurou-me que não o fizera nunca senão naquele dia, e só porque já não era tão criança e o trabalho lhe dava desesperos de que queria compensar-se. e eu contei-lhe da teresa diaba, melhor do que pudesse ocorrer-lhe um dia sem preparo, e de como estaria eu ali de mãos para lavar, a cheirar a ela de tanto me ter metido lá dentro, e assim deveria ele aguentar-se em euforias que lhe viessem. disse-lhe claramente, numa qualquer euforia, apanha-la distraída por aí, sem deixar os outros verem demasiado, e pões-lhe as mãos no cu para que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

perceba ao que vais, não vá enxotar-te sem paciência, e alivias-te, que para isso a sustentam por aqui (MÃE, 2010, p. 37)

Essa relação com a vaca animaliza Aldegundes e humaniza a vaca, criando um espaço entre o ocorrido em que não se dá pra definir de forma natural a ligação que há entre os dois, ao longo do livro o cuidado, o respeito e a fidelidade que Aldegundes nutre pela vaca vai se intensificando, ao passo que a humanização da família vai sendo deteriorada, sendo mal vistos pela vizinhança.

O ambiente repleto de encantos e espantos no cotidiano medieval já conclui que “a maravilha é (está) (n)a realidade” (GARCÍA, 2013, p. 18), deste modo a criação do real se dá pelo insólito em VHM.

Segundo aspecto é o da animalização da mãe e da irmã Brunilde, Baltazar nos relata que ambas pariram animais, surgindo a dúvida em até que ponto eram realmente animais ou apenas uma metáfora pela gravidez insólita e má desejada de ambas, a primeira por adultério e a segunda por conferir obrigação sexual à D. Afonso e quem quer que seja na casa senhorial, como podemos ler:

e o meu pai decidiu tudo nesse momento, que, se o curandeiro já não a salvaria, nem salvação merecia. e foi no dia em que o povo se preparava para queimar a mulher que se portara mal que o meu pai rebentou o braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara. e gritou, serás amaldiçoado para sempre. depois estalou-o no chão e pôs-lhe pé nu em cima, sentindo-lhe carnes e sangues esguicharem de morte tão esmagada. e, como se gritava e mais se fazia confusão, mais se apagava a minha mãe, rápido caminho para a sua alma, não mais a ela acenderíamos por aquele infeliz animal, que, morto, seria só deitado à terra para que desaparecesse (MÃE, 2010, p.75)

Com a morte da mãe Baltazar capta um aspecto essencial: “a violência do meu pai era ciúme de si próprio” (MÃE, 2010, p. 78), ou seja, a insegurança inicial que fez seu pai desfigurar e dominar sua mãe já não mais fazia sentindo, restando agora o ciúme de si mesmo, uma espécie de individualismo que no final da narrativa o faz ser o único sobrevivente da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desgraça da família. O medo de perder a si próprio para a família constitui a liberdade de Afonso, pai de Baltazar, que se vê no poder de governar a todos em seu lar ao seu proveito.

Já com Brunilde é diferente, provavelmente por não ter se casado, mas trabalhar na casa senhorial e lá ter que realizar trabalhos relacionados aos prazeres o destino acontece de forma distinta ao da mãe, pois parece ter o destino traçado a mulher que não se porta bem, cair na calamidade é o resultado das más ações cometidas. Então a irmã dá luz à uma criatura estranha, e tal forma do ocorrido com a mãe, como pode-se ler em:

quando a brunilde nos disse das águas, tão absurdamente antes do tempo devido, tanto se parecia a morrer de dor que lhe dava, o meu pai baixou-se de olhos tapados e enlouqueceu de ignorância. entrámos todos os três e vimos, às pernas que ela abria, acorria uma cabeça pequena e ensanguentada, que o meu pai segurou à força sem largar. perguntei, que esperteza difícil pode haver em trazer uma criança cá para fora, e a ermesinda entrou. arrepiámo-nos todos os seis, a nossa brunilde muito, ma também eu e a ermesinda, meu pai, o aldegundes e o dagoberto. a cria saltara para fora em força tal, cabeçuda embora, que arrancou tripas por ela presas, porcarias que se reviraram dentro da brunilde e que a abandonaram de podridão ou puxão maior que meu pai lhes tivesse dado. afastei-me em pesadelo grande e o aldegundes abraçou-me a mim repetido de mais dor e disse, acabaram-se as nessas mulheres (MÃE, 2010, p. 168)

A parte final em que o fim das mulheres é declarado por Aldegundes soa bastante desesperado, sem saber o que fazer do destino que lhe foi dado e temendo a fama de que eles eram “os sargas nascidos de bichos e que nos matávamos uns aos outros como bestas” (MÃE, 2010, p. 169), Baltazar e seu irmão vão embora vagar em busca do nada, Ermesinda vai ao seu encontro e nesse caminho é morta pelos seus companheiros de viagem (seu irmão e Dagoberto) Baltazar mata os dois e se encontra apenas com a Sarga na escuridão da noite, mirando o abismo e vazio de sua existência pautada no ciúme de si mesmo como concluiu do seu pai anteriormente, neste ponto fica marcada a aproximação entre Baltazar e seu pai, os dois levam seus casamentos ao ápice da posse.

Após discorrer sobre a animalização das mulheres temos a humanização dos animais, precisamente da vaca, a Sarga. Em: “a sarga veio atrás. deitou-se à porta de casa e era como um cão que se tivesse ensinado e se entristecesse com o nosso entristecimento. e ali ficou, o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

tempo a escurecer e cada um de nós a chorar de maneira distinta” (MÃE, 2010, p. 78), podemos ver o quanto a vaca era sensível, ao ponto de a tornarmos mais humana que as mulheres da casa, ela também era mais respitada que as mulheres Serapião.

A humanização da vaca sinaliza mais ainda a condição brutal que era reservada para as mulheres. Em contraponto temos a mulher queimada que viúva foi acusada de más condutas e sobreviveu à queima de seu corpo.

Eis a descrição da sua primeira aparição para Baltazar: “acordámos todos ao tempo do trabalho, confusos de pouco dormir. foi como me achei à porta para ter luz e ar que entrasse em meus pulmões apertados. nada do que quisesse ver vi, senão uma mulher queimada, escura de peles levantadas, parada à minha porta esperando algo, dizendo nada” (MÃE, 2010, p. 79), apesar das cinzas e do corpo destruído ela que ainda vive traz uma espécie de magia (ou bruxaria como defendem na narrativa) e mensagem, a de que é direito seu viver, um milagre que é a vida não pode ser aprisionada e decida pelas mãos dos homens.

Após essa milagrosa sobrevivência ao fogo Gertrudes torna-se um pouco temida, todos passam a ter certo cuidado com a aproximação dela, deste modo, ela é a mulher mais senhora de si e liberta que as outras cinco, até mesmo que a D. Catarina que por ser senhora feudal teve seu casamento negociado e vivia seu nenhum respeito ou vontade na união forçada.

Por completo, este livro mostra que adentrar ao universo feminino medieval é atentar para o perigo de não governar a si mesma. As mulheres de todos os tempos e espaços devem ter a possibilidade de escolha e o poder de decidir sobre sua existência, como senhoras de si precisam conquistar suas vontades e buscar realizá-las, combater a subjugação e passividade e atingir a reciprocidade frente aos homens.

4 Conclusão

A animalização das mulheres na obra aponta para novos problemas e novos perigos, não para os velhos, de outra época. Ao selecionar o ambiente medieval VHM utiliza de uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

espécie de ironia histórica, já que a Idade Média é uma época conhecida pelas dificuldades culturais, políticas e cristãs, época considerada pelo atraso em comparação aos tempos posteriores. Deste modo, VHM chama atenção para o quão medievais ainda podemos ser e o perigo que reside nisto.

Investigação dos processos literários em torno na animalização, violência e insólito extrapola o espaço do texto e vai para o contexto. Manifestações do extraordinário instaura uma nova ordem “rompendo com as convenções aceitas ou defendidas pelo padrão social, em dado tempo e espaço” (GARCÍA, 2012, p. 23), desse modo, esse depara-se como a situação das mulheres na Idade Média é feita de distanciamento e também aproximação.

Se empenhar em edificar estruturas de relações desarmadas e aproximativas com, o outro é vital, para isto a igualdade de direitos e defesa de suas singularidades entre as mulheres e homens tem que se tornar realidade, reivindicar, cada ser, o poder que se deve ter sobre sua própria vida.

Viu-se que o estudo sobre o corpo feminino na obra é necessário, o corpo violado como aquele que não aguenta mais a coerção por parte de fora e também interna, o corpo que quer sempre ser ativo e não imponente nas suas ações. Por fim, fica-se com o fluir e as novas questões que surgiram ao longo deste estudo, o ponto vem da necessidade de ser colocado agora.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Animalização. In: **O aberto: o homem e o animal**. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013, p. 123-127.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia Vol. 4**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GARCÍA, Flávio (org.); BATALHA, Maria Cristina (org.). **Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MÃE, Valter Hugo. **O remorso de Baltazar Serapião**. São Paulo: Ed 34, 2010.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.